

# LÓPEZ-GAY, Patricia. **Ficciones de verdad**: archivo y narrativas de vida. Madrid: Iberoamericana-Vervuert, 2020. 246p.

Adriana de Borges Gomes\*

*Ficciones de verdad: archivo y narrativas de vida*, de Patricia López-Gay – professora do Bard College de Nova York – é o resultado de um extenso estudo da investigadora sobre a reflexão de vidas reorganizadas, sistematizadas e autoficcionalizadas em forma de arquivo, apresentado em algumas modalidades artísticas e processos criativos como nas artes visuais diversas e, também e principalmente, na literatura. Verifica-se a discussão sobre a contradição basilar que a autora propõe, já no título da obra – “ficção e verdade” –, situando o leitor, a leitora para uma escritura que abordará a questão sobre vidas de verdade que são continuadas pelo viés ficcional, a partir do procedimento de recorte de arquivo.

Discutindo a característica contemporânea da manutenção de arquivos *online* em redes sociais e na “nuvem” (muitas vidas permanecem arquivadas *ad infinitum*), López-Gay relaciona tal particularidade com definições de arquivo, assinalando que, para as obras de autoficção, arquivar é uma forma de continuar após a morte. Nesse sentido, entende que a literatura autoficcional contemporânea apresenta sua narrativa vivencial não como um combate contra a morte individual que divisa a ruptura e o fim. Em vez disso, proclama a continuidade dos tempos no arquivo, autoficção como abertura, promessa de futuras leituras do arquivo iterativo, na capacidade de refazer-se sempre.

A autora divisa seu estudo em quatro seções: a primeira seção – *Umbral de entrada* – traz a *fiebre de archivo*, o *giro autoficcional de las narrativas de vida* e, de forma muito curiosa, apresenta ao leitor *un itinerario para este libro*; a segunda seção trata de uma panorâmica relação entre febre de arquivo e autoficção (fotografia como paradigma moderno do arquivo, narrativas de vida sob suspeita, autorretratos suicidas e autobiografia sob o feitiço de Dom Quixote); a terceira seção – *Enfoque preliminar* – versa sobre a autoficção desde a França até a Espanha, salientando a figura do escritor espanhol, intelectual, político e roteirista de cinema Jorge Semprún; a quarta e última seção alude à autoficção de Javier Marías (escritor espanhol, membro da Real Academia Espanhola): *negativo de archivo e tropo de la autoficción*; de Enrique Vila-Matas (escritor espanhol muito premiado): *colección de archivo e la autoficción en la época de la (pos)producción digital*, e de Marta Sanz (premiada escritora espanhola): *esto no es un selfi e el retorno de lo político*.

O conceito de que tudo na contemporaneidade deve ser arquivado contrasta com (ou desvirtua) o entendimento milenar de arquivar, que também significa destruir, descartar, recortar de forma controlada. Evidenciando a robustez contemporânea do tema de seu livro, López-Gay enuncia que a atração generalizada pelo registro prodigaliza o objeto central de *Ficciones de verdad*, citando o evento *Misión Fotográfica Barcelona* (2007) como uma atualização explícita da utopia moderna de instituir um arquivo absoluto. Nesse sentido, a internet é o grande ou mega-arquivo: *e-mails*, redes sociais, *Facebook*, *Twitter* etc.

A febre de arquivo relaciona-se com a concepção de Jacques Derrida em *Mal de arquivo* (1995), em que a palavra “mal” tem, entre suas acepções, a paixão. A atualização do registro universal *online* levou a autora a associar o axioma de Descartes, “penso, logo existo”, com a novidade do “arquivo, logo existo”, questionando se não seria esta a versão definitiva para a proposição do existir.

\* Docente da Universidade do Estado da Bahia/UNEB. Doutora em Teoria da Literatura (PUCRS) Pós-doutora em Estudos de Literaturas Estrangeiras Modernas – Língua Espanhola (UFRGS). Docente da Graduação em Letras Língua Espanhola e Literaturas, credenciada ao Programa de Pós-graduação em Estudo de Linguagens PPGEL/UNEB. <https://orcid.org/0000-0003-0088-4806>.

Nas narrativas de vida, a dita “nova autobiografia” transparece, desde sua própria natureza autoficcional, o caráter inerentemente literário de uma escritura de vida. O autor é figura sobressalente nesse processo, pois, ademais de reivindicar a ficcionalidade de toda uma linguagem, a autoficção pressupõe a ficcionalidade da realidade, evidencia a autora. A subjetividade, então, é imperativa quando o “giro autoficcional das narrativas de vida” explodem as fronteiras das modalidades de gênero, mesclando autobiografia, diário íntimo, crônica jornalística, *blogs* e redes sociais.

Argutamente, López-Gay observa as novas formulações da autoria lembrando o legado de Michel Foucault em **O que é um Autor?** (1969), ente literário remodelado na função-autor, entendido mediante às diversidades discursivas de seus escritos: cartas, diário, obra literária, escritos em coluna de jornal, opiniões em entrevistas etc. De maneira altruísta, a autora empreende uma casta apreciativa de seu livro, planando sobre todas as seções, numa formulação de súplica, ofertando ao leitor, à leitora uma trajetória de leitura.

Incidindo no conceito de arquivo como uma forma de percepção, *Ficciones de verdad* busca saldar, por meio de seu estudo crítico, o que acredita ser uma dívida da crítica com a produção da literatura autoficcional. Nesse sentido, o livro personaliza a literatura autoficcional contemporânea produzida na Espanha, indicando ao leitor, à leitora o início de seu percurso pela fotografia como matriz do arquivo moderno. As *narrativas de vida bajo sospecha* recebem, no itinerário, o *status* inquiridor da autoria, repensando o domínio da figura do autor todo-poderoso. Essas narrativas autoficcionais, assim, se aproximam mais do entendimento do arquivo pós-moderno como sensibilidade que “suspeita” daquilo que é aceito como real, o que não as tornam necessariamente incompatíveis com o arquivo moderno. Escrituras autobiográficas de procedimentos autoficcionais propõem uma manipulação renovada da estética entre o que é fictício e o que é real, entre historicidade e imaginação. Assim, imprimindo uma identidade espanhola em seu estudo sobre a literatura autoficcional, a autora convoca o emblemático romance espanhol de Miguel de Cervantes, **Dom Quixote**, como sugestão análoga da autobiografia contemporânea.

No recorrido do panorama da autoficção desde a França até a Espanha, *Ficciones de verdad* aborda os indícios políticos da autoficção, a tradução como um (re)arquivo e traz o escritor Jorge Semprún em sua análise sobre o que circunda e compreende a tradução. O termo *autotraducción*, acunhado por López-Gay (2011) é determinante na identificação desses indícios políticos, considerando o projeto de narrativa vivencial de Semprún como *répétition*: ao mesmo tempo ensaio e réplica de um programa estético-político de raiz imaginária do leitor francês, mas dirigido eminentemente ao leitor espanhol. Alçadas por uma pulsão de vida – *bios* –, as escrituras autoficcionais perpetuam o imaginativo e o criativo no fluxo do tempo, e, nessas feições, a literatura autoficcional espanhola se institui. Com esse entendimento a autora assinala as idiosincrasias das escrituras autoficcionais de Marías, Vila-Matas e Sanz, mas com a ressalva enérgica de que um eu explícito (*el hecho explícito del yo*) os une, afirmando o caráter subjetivo dessas produções artísticas que prenunciam sua potência na leitura futura de narrativas de vidas. Por esses termos, as discussões contemporâneas versadas pela obra ***Ficciones de verdad: archivo y narrativas de vida*** constituem um importante manancial para pesquisadores da área.

---

## Referências

DERRIDA, Jacques. **Mal d' archive**: une impression freudienne. Paris: Galilée, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Qu'est-ce qu'un auteur?** Bulletin de la Société Française de Philosophie 3 (1969): 73-104.

LÓPEZ-GAY, Patricia. “La autoría, la traducción y la vida. Sobre la autotraducción de Jorge Semprún”. **En Aproximaciones a la autotraducción**. Ed. Xosé Manuel Dasilva y Helena Tanqueiro, 93-110. Vigo: Academia del Hispanismo, 2011.

Recebido em 15/02/2022 // Aceito em 16/06/2022